



WALCYR CARRASCO

Amor proibido
Iracema, paixão e TV

Leitor fluente — 6º e 7º anos do Ensino Fundamental

PROJETO DE LEITURA

Coordenação: Maria José Nóbrega

Elaboração: Luísa Nóbrega

Árvores e tempo de leitura

MARIA JOSÉ NÓBREGA

*O que é, o que é,
Uma árvore bem frondosa
Doze galhos, simplesmente
Cada galho, trinta frutas
Com vinte e quatro sementes?*

Enigmas e adivinhas convidam à decifração: “trouxeste a chave?”.

Encaremos o desafio: trata-se de uma árvore bem frondosa, que tem doze galhos, que têm trinta frutas, que têm vinte e quatro sementes: cada verso introduz uma nova informação que se encaixa na anterior.

Quantos galhos tem a árvore frondosa? Quantas frutas tem cada galho? Quantas sementes tem cada fruta? A resposta a cada uma dessas questões não revela o enigma. Se for familiarizado com charadas, o leitor sabe que nem sempre uma árvore é uma árvore, um galho é um galho, uma fruta é uma fruta, uma semente é uma semente... Traíçoeira, a árvore frondosa agita seus galhos, entorpecenos com o aroma das frutas, intriga-nos com as possibilidades ocultas nas sementes.

O que é, o que é?

Apegar-se apenas às palavras, às vezes, é deixar escapar o sentido que se insinua nas ramagens, mas que não está ali.

Que árvore é essa? Símbolo da vida, ao mesmo tempo que se alonga num percurso vertical rumo ao céu, mergulha suas raízes na terra. Cíclica, despe-se das folhas, abre-se em flores, que escondem frutos, que protegem sementes, que ocultam *coisas futuras*.

“Decifra-me ou te devoro.”

Qual a resposta? Vamos a ela: os anos, que se desdobram em meses, que se aceleram em dias, que escorrem em horas.

Alegórica árvore do tempo...

A adivinha que lemos, como todo e qualquer texto, inscreve-se, necessariamente, em um gênero socialmente construído e tem, portanto, uma relação com a exterioridade que determina as leituras possíveis. O espaço da interpretação é regulado tanto pela organização do próprio texto quanto pela memória interdiscursiva, que é social, histórica e cultural. Em lugar de pensar que a cada texto corresponde uma única leitura, é preferível pensar que há tensão entre uma leitura unívoca e outra dialógica.

Um texto sempre se relaciona com outros produzidos antes ou depois dele: não há como ler fora de uma perspectiva interdiscursiva.

Retornemos à sombra da frondosa árvore — a árvore do tempo — e contemplemos outras árvores:

*Deus fez crescer do solo toda espécie de árvores formosas de ver e boas de comer, e a árvore da vida no meio do jardim, e a árvore do conhecimento do bem e do mal. (...) E Deus deu ao homem este mandamento: “Podes comer de todas as árvores do jardim. Mas da árvore do conhecimento do bem e do mal não comerás, porque no dia em que dela comeres terás de morrer”.*²

Ah, essas árvores e esses frutos, o desejo de conhecer, tão caro ao ser humano...

Há o tempo das escrituras e o tempo da memória, e a leitura está no meio, no intervalo, no diálogo. Prática enraizada na experiência humana com a linguagem, a leitura é uma arte a ser compartilhada.

A compreensão de um texto resulta do resgate de muitos outros discursos por meio da memória. É preciso que os acontecimentos ou os saberes saiam do limbo e interajam com as palavras. Mas a memória não funciona como o disco rígido de um computador em que se salvam arquivos; é um espaço movediço, cheio de conflitos e deslocamentos.

Empregar estratégias de leitura e descobrir quais são as mais adequadas para uma determinada situação constituem um processo que, inicialmente, se produz como atividade externa. Depois, no plano das rela-

ções interpessoais e, progressivamente, como resultado de uma série de experiências, se transforma em um processo interno.

Somente com uma rica convivência com objetos culturais — em ações socioculturalmente determinadas e abertas à multiplicidade dos modos de ler, presentes nas diversas situações comunicativas — é que a leitura se converte em uma experiência significativa para os alunos. Porque ser leitor é inscrever-se em uma comunidade de leitores que discute os textos lidos, troca impressões e apresenta sugestões para novas leituras.

Trilhar novas veredas é o desafio; transformar a escola numa comunidade de leitores é o horizonte que vislumbramos.

Depende de nós.

¹ In *Meu livro de folclore*, Ricardo Azevedo, Editora Ática.

² *A Bíblia de Jerusalém*, Gênesis, capítulo 2, versículos 9 e 10, 16 e 17.

DESCRIÇÃO DO PROJETO DE LEITURA

UM POUCO SOBRE O AUTOR

Procuramos contextualizar o autor e sua obra no panorama da literatura brasileira para jovens e adultos.

RESENHA

Apresentamos uma síntese da obra para que o professor, antecipando a temática, o enredo e seu desenvolvimento, possa avaliar a pertinência da adoção, levando em conta as possibilidades e necessidades de seus alunos.

COMENTÁRIOS SOBRE A OBRA

Apontamos alguns aspectos da obra, considerando as características do gênero a que

pertence, analisando a temática, a perspectiva com que é abordada, sua organização estrutural e certos recursos expressivos empregados pelo autor.

Com esses elementos, o professor irá identificar os conteúdos das diferentes áreas do conhecimento que poderão ser abordados, os temas que poderão ser discutidos e os recursos linguísticos que poderão ser explorados para ampliar a competência leitora e escritora dos alunos.

QUADRO-SÍNTESE

O quadro-síntese permite uma visualização rápida de alguns dados a respeito da obra e de seu tratamento didático: a indicação do gênero, das palavras-chave, das áreas e temas transversais envolvidos nas atividades propostas; sugestão de leitor presumido para a obra em questão.

Gênero:
Palavras-chave:
Áreas envolvidas:
Temas transversais:
Público-alvo:

PROPOSTAS DE ATIVIDADES

a) antes da leitura

Os sentidos que atribuímos ao que se lê dependem, e muito, de nossas experiências anteriores em relação à temática explorada pelo texto, bem como de nossa familiaridade com a prática leitora. As atividades sugeridas neste item favorecem a ativação dos conhecimentos prévios necessários à compreensão e interpretação do escrito.

- Explicitação dos conhecimentos prévios necessários à compreensão do texto.
- Antecipação de conteúdos tratados no texto a partir da observação de indicadores como título da obra ou dos capítulos, capa, ilustração, informações presentes na quarta capa, etc.
- Explicitação dos conteúdos da obra a partir dos indicadores observados.

b) durante a leitura

São apresentados alguns objetivos orientadores para a leitura, focalizando aspectos que auxiliem a construção dos sentidos do texto pelo leitor.

- Leitura global do texto.
- Caracterização da estrutura do texto.
- Identificação das articulações temporais e lógicas responsáveis pela coesão textual.
- Apreciação de recursos expressivos empregados pelo autor.

c) depois da leitura

São propostas atividades para permitir melhor compreensão e interpretação da obra, indicando, quando for o caso, a pesquisa de assuntos relacionados aos conteúdos das diversas áreas curriculares, bem como a reflexão a respeito de temas que permitam a inserção do aluno no debate de questões contemporâneas.

◆ *nas tramas do texto*

- Compreensão global do texto a partir de reprodução oral ou escrita do que foi lido ou de respostas a questões formuladas pelo professor em situação de leitura compartilhada.
- Apreciação dos recursos expressivos empregados na obra.
- Identificação e avaliação dos pontos de vista sustentados pelo autor.
- Discussão de diferentes pontos de vista e opiniões diante de questões polêmicas.
- Produção de outros textos verbais ou ainda de trabalhos que contemplem as diferentes linguagens artísticas: teatro, música, artes plásticas, etc.

◆ *nas telas do cinema*

- Indicação de filmes, disponíveis em VHS ou DVD, que tenham alguma articulação com a obra analisada, tanto em relação à temática como à estrutura composicional.

◆ *nas ondas do som*

- Indicação de obras musicais que tenham alguma relação com a temática ou estrutura da obra analisada.

◆ *nos enredos do real*

- Ampliação do trabalho para a pesquisa de informações complementares numa dimensão interdisciplinar.

DICAS DE LEITURA

Sugestões de outros livros relacionados de alguma maneira ao que está sendo lido, estimulando o desejo de enredar-se nas veredas literárias e ler mais:

- ▶ do mesmo autor;
- ▶ sobre o mesmo assunto e gênero;
- ▶ leitura de desafio.

Indicação de título que se imagina além do grau de autonomia do leitor virtual da obra analisada, com a finalidade de ampliar o horizonte de expectativas do aluno-leitor, encaminhando-o para a literatura adulta.

WALCYR CARRASCO

Amor proibido Iracema, paixão e TV

Leitor fluente – 6^o e 7^o anos do Ensino Fundamental

SOBRE O AUTOR

Walcyr Carrasco nasceu em 1951 em Bernardino de Campos, SP. Escritor, cronista, dramaturgo e roteirista, com diversos trabalhos premiados, formou-se na Escola de Comunicação e Artes de São Paulo. Por muitos anos, trabalhou como jornalista nos maiores veículos de comunicação de São Paulo, ao mesmo tempo que iniciava sua carreira de escritor na revista *Recreio*. Desde então, escreveu diversas novelas, peças de teatro e publicou mais de trinta livros infantojuvenis, tendo recebido por suas obras muitos prêmios ao longo da carreira.

É cronista de revistas semanais e membro da Academia Paulista de Letras, onde recebeu o título de Imortal.

RESENHA

Adamo, mais do que qualquer coisa, gosta de escrever e, fascinado pelo mundo da televisão, nutre o sonho de algum dia tornar-se autor de

novelas. Quando Carlos Canteiro, importante diretor de televisão, aparece certo dia para comprar roupas em sua loja de camisetas, o rapaz percebe imediatamente que se trata de uma oportunidade única. Acostumado a ser bajulado o tempo todo por pessoas que procuram trabalho na TV, o diretor não teria prestado muita atenção ao que o garoto dizia, se ele não tivesse, em um determinado momento, soltado a seguinte proposta: adaptar *Iracema*, de José de Alencar, para uma minissérie. Entusiasmado com a ideia, o diretor acaba fazendo com que Adamo passe alguns dias trabalhando de modo alucinado para escrever o argumento do seu primeiro trabalho para a televisão.

Uma vez aprovado o projeto, Adamo descobre que seu desafio está apenas começando: vê-se obrigado a realizar uma série de alterações no texto inicial e a mudar a narrativa clássica do autor romântico, fazendo concessões à linguagem comercial televisiva. Durante o processo, o rapaz acaba se apaixonando por Jô Smith, a jovem modelo que interpreta *Iracema*, o tempo todo

vigiada pela mãe, que zela pelo sucesso da filha no mundo da moda e sonha em casá-la com um rico empresário.

Em *Amor proibido: Iracema, paixão e TV*, Walcyr Carrasco aproxima-nos um pouco do universo da dramaturgia televisiva que ele próprio conhece de perto, uma vez que um é prestigiado autor de novelas e minisséries. Ao mesmo tempo, estabelece um diálogo com o livro *Iracema*, de José de Alencar, narrativa romântica, fazendo citações de passagens da obra clássica. Carrasco nos faz pensar sobre as transformações inevitáveis quando se decide adaptar uma obra de uma linguagem para a outra, sem contar algumas das exigências do mercado televisivo que fariam José de Alencar “se revirar na cova”, como o próprio autor brinca no decorrer do texto.

QUADRO-SÍNTESE

Gênero: Novela juvenil

Palavras-chave: Literatura, televisão, adaptação, colonização, indígenas

Áreas envolvidas: Língua Portuguesa, História, Artes

Tema transversal: Pluralidade cultural.

Público-alvo: Leitor fluente (6º e 7º anos do Ensino Fundamental)

PROPOSTAS DE ATIVIDADES

Antes da leitura

1. Revele aos alunos a parte inicial do título do livro – *Amor proibido*. Histórias de amor proibido são bastante comuns tanto em diferentes mitologias quanto na história da literatura e na cultura *pop*, aparecendo com frequência em novelas, séries e no cinema. Peça a seus alunos que procurem se lembrar das histórias de amor proibido que conhecem. O que existe de comum e de diferente entre elas?

2. Em seguida, chame a atenção para a segunda parte do título: *Iracema, paixão e TV*. Seus alunos costumam assistir a programas de televisão? Quais são seus programas favoritos? Qual é, na opinião deles, a diferença entre a linguagem televisiva e outras linguagens, como a do cinema e a da internet? Como cada uma delas dialoga com o espectador?

3. Leia com seus alunos o texto da quarta-capa, que esclarece que *Iracema* é o título de um dos romances clássicos do romantismo no Brasil. Peça a seus alunos que procurem pesquisar um pouco mais a respeito da vida e obra de José de Alencar e solicite um resumo do romance.

4. Por meio do texto da quarta capa, descobrirão, ainda, que o livro que estão prestes a ler trata de teledramaturgia. Seus alunos costumam assistir a novelas, séries e minisséries? Como elas se estruturam? Qual as particularidades de cada tipo?

5. Mostre a seus alunos o sumário do livro e estimule-os a criar hipóteses a respeito do desenrolar da narrativa. Quais títulos despertam mais a curiosidade?

6. Leia com seus alunos a seção *Autor e obra*, ao final do livro, para que conheçam um pouco mais a respeito da trajetória de Walcyr Carrasco e de seus trabalhos em literatura infantil e juvenil, dramaturgia teatral e dramaturgia televisiva.

Durante a leitura

1. Se possível, promova uma leitura do romance de Alencar em paralelo com o livro. Essa estratégia fará com que seus alunos percebam de que maneira Walcyr Carrasco evoca o clássico romântico ao narrar os desafios que o jovem dramaturgo enfrenta para adaptar o texto para a televisão.

2. Peça a seus alunos que prestem especial atenção aos fragmentos do livro de José de Alencar que aparecem citados no decorrer do livro. Provavelmente, notarão a diferença substancial entre a linguagem elaborada do texto romântico e o tom mais coloquial do restante do livro.

3. Quais são as modificações que Adamo se vê obrigado a fazer ao adaptar a narrativa original de José de Alencar? Em que momentos suas propostas entram, ou não, em conflito com as ideias de Michel, o diretor?

4. Oriente seus alunos a prestar atenção aos diferentes momentos em que o autor se refere aos indígenas: veja se notam como o texto apresenta as diferenças entre os indígenas retratados no livro romântico de José de Alencar, os verdadeiros indígenas que, em um determinado momento, chegam, brevemente, a integrar a produção, e a maneira como, por fim, eles acabam por ser retratados na minissérie.

5. Sugira que procurem notar de que maneira o modo como o autor descreve as filmagens da

minissérie televisiva faz com que se lembrem de novelas ou séries a que já assistiram.

Depois da leitura

1. Embora inclua alguns personagens reais, como Martim Soares Moreno e Poti, o romance de José de Alencar apresenta uma versão bastante idealizada do processo de colonização do Brasil, e a minissérie televisiva fictícia que o livro descreve, como o próprio autor sugere, toma uma série de liberdades em relação aos povos indígenas que existiram e existem no país. Convide um professor de História para fazer uma exposição a respeito do processo de colonização do Brasil, enfocando em especial a relação entre os portugueses e as etnias Tabajara e Potiguara.

2. Proponha a seus alunos que realizem uma pesquisa sobre diferentes povos indígenas no Brasil. Apresente a eles o site <https://pib.socioambiental.org/pt> (acesso em: 25 maio 2017). Na página de abertura, leem-se nomes de diferentes povos que habitam o país. É possível, então, clicar sobre os nomes e obter informações a respeito da etnia em questão. Divida a turma em pequenos grupos e proponha que, tomando o site como ponto de partida, realizem uma pesquisa a respeito de um dos povos.

3. Como o livro de Walcyr Carrasco esclarece, a adaptação de uma obra de uma linguagem para outra é sempre, de algum modo, uma recriação do texto original – e, nesse diálogo entre uma linguagem e outra, é possível tomar maior ou menor liberdade em relação ao texto fonte. Assista com seus alunos a dois filmes brasileiros que dialogam com o livro de José de Alencar: *Iracema, a virgem dos lábios de mel*, de 1979, de Carlos Coimbra (93 min. Disponível na íntegra no YouTube através do link <https://www.youtube.com/watch?v=ythVgsqiNU4>. Acesso em: 25 maio 2017), adaptação relativamente fiel do livro de José de Alencar, com atores brancos de pele tingida fazendo papel de indígenas e cujo principal enfoque está no romance entre os protagonistas; e *Iracema, uma transa amazônica* (91 min.), dirigido por Jorge Bodansky e Orlando Senna, que desconstrói a imagem de um Brasil idílico e romantizado para fazer uma crítica incisiva aos conflitos políticos e humanos que marcaram o Brasil da ditadura militar para contar, em uma ficção quase documental, a história de uma Iracema contemporânea, interpretada pela atriz

Edna de Cássia, de origem indígena, que acaba encontrando o caminhoneiro Tião Brasil Grande em meio às suas andanças pelas vilas próximas à rodovia Transamazônica, que teve um impacto devastador sobre a região, tentando de todas as maneiras escapar do desamparo e da miséria. Distribuição: Bretz filmes.

4. Mostre aos alunos as reproduções de dois quadros brasileiros que retratam a protagonista do filme de José de Alencar: *Iracema*, pintada por José Maria de Medeiros (1849-1925), e *Iracema*, de Antonio Parreiras (1860-1937). Ambos retratam a mesma cena, em que Iracema encontra uma flecha fincada no chão com um maracujá e um caranguejo atravessados, mensagem de Martim dizendo que os dois devem afastar-se, porém que ela não deve esquecê-lo – uma alegoria do encontro impossível entre indígenas e portugueses. Chame a atenção para o modo como as duas pinturas retratam a reação da personagem de modo bastante distinto: a primeira retratando uma Iracema bastante plácida e a segunda ressaltando o desespero da personagem. Veja se notam como, na pintura de Medeiros, Iracema aparece de pé em uma pose que remete às estátuas gregas; enquanto que, na pintura de Parreiras, a personagem perde seus traços indígenas e aparece retratada com a pele branca e um tipo físico europeu. Por que será que os indígenas, historicamente, tendem a ser retratados de modo pouco realista? Quais são as consequências dessa falta de representatividade?

5. Promova a audição da canção *Iracema voou*, que Chico Buarque compôs em 1998, acompanhada da letra, e depois analise o texto com seus alunos. Chame a atenção para o modo como Chico relê o anagrama entre Iracema e América, dessa vez imaginando uma Iracema que, mesmo sem falar inglês, emigrou ilegalmente para os Estados Unidos, que se autodenominam América, adotando para si o nome de todo um continente.

6. No capítulo 5, *A revolta indígena*, o diretor Michel tem a ideia de chamar verdadeiros indígenas para atuar como figurantes na minissérie, que será protagonizada por uma modelo internacional. Por conta disso, chama guaranis que vivem em uma aldeia na periferia da cidade de São Paulo para participar da produção. Os indígenas, porém, logo decidem abandonar o projeto, já que se incomodam com a maneira como aparecem retratados

no texto e com o fato de serem apenas figurantes sem voz. Assista com seus alunos ao curta documental *Jornada*, dirigido por Marco Aurélio Vieira e Sergio Caddah, realizado na Terra Indígena Tenonde Porã (São Paulo, Brasil), nos dias 14 e 15 de setembro de 2016, durante a 7ª Assembleia da Comissão Guarani Yvyrupa, para que eles possam desconstruir estereótipos a respeito desses povos e conhecer um pouco mais a respeito da vida, do modo de pensar, dos anseios e das crenças desses indígenas que vivem tão perto da cidade e que se mostram decididos a lutar por seus direitos (o curta, de quase 14 minutos de duração, encontra-se disponível no link https://www.youtube.com/watch?v=o15_sdLxLfg. Acesso em: 25 maio 2017).

7. Ainda no quinto capítulo, um líder Guarani comenta com Adamo: *Olhem pra gente. O que estão vendo? Um povo dominado. A gente tem reserva, tem uma escola, mas não tem mais nada. Não vivemos como índios e não vivemos como brancos. Perdemos nossa identidade. Os mais novos querem ir embora, não querem falar nossa língua. Querem televisão, computador, essas coisas que os brancos têm. Falta comida. Pegamos muitos tipos de doenças dos brancos.* A situação dos povos indígenas no Brasil contemporâneo é bastante preocupante: leia com seus alunos a crônica *No fim do mundo de Alice Juruna tem Peppa Pig*, de Eliane Brum, publicada no *Jornal El País* (http://brasil.elpais.com/brasil/2017/04/03/opinion/1491235482_452762.html. Acesso em: 25 maio 2017), em que a autora fala dos impactos da construção da Usina de Belo Monte sobre a vida dos Juruna, povo indígena que se viu subitamente forçado a alterar drasticamente seu modo de vida ancestral ao perder o acesso ao rio que era ao mesmo tempo seu centro simbólico, seu lugar no mundo e seu modo de vida e subsistência. Chame a atenção para o papel que a televisão passa a assumir na vida das crianças nesse novo (e desastroso) contexto, e para o modo como transformações nos hábitos cotidianos e na alimentação geram problemas de saúde e contribuem para a perda da cultura e para o desamparo absoluto desses povos.

8. *Iracema*, de José de Alencar, integra a trilogia indigenista do autor, da qual fazem parte, ainda, os romances *Ubirajara* e *O Guarani*. Proponha a seus alunos que procurem esses livros na biblioteca da escola e selecionem um capítulo de um dos livros para transformar em capítulo de novela ou minissérie, tomando todas as liberdades e licenças poéticas que desejarem. Se fossem transformar esses livros em uma série, seriam fiéis ao enredo original ou prefeririam transpor e recontar a narrativa de uma perspectiva contemporânea, levando em conta as questões e conflitos vividos pelos indígenas nos dias de hoje? Para que seus alunos saibam como se estrutura um roteiro de um capítulo de novela televisiva, sugira que consultem o site <https://ndenovela.wordpress.com> (acesso em: 25 maio 2017), em que é possível encontrar diversos exemplos disponíveis. Ressalte que, diferentemente de um romance, não existe um narrador, e as situações devem ser compreendidas a partir dos diálogos entre os personagens. Esclareça que os cenários, ao invés de serem detalhados como em um romance, aparecem descritos de forma concisa, como em CENA 14/ ARRAIAL DE FORA/ LAGO/ EXTERIOR/ DIA.

LEIA MAIS...

► do mesmo autor

Meu primeiro beijo. São Paulo: Moderna.
O mistério da gruta. São Paulo: Moderna.
O garoto da novela. São Paulo: Moderna.
O menino narigudo. São Paulo: Moderna.

► do mesmo gênero

Poranduba: Roda de histórias indígenas, Rute Casoy (organizadora) – Rio de Janeiro: NAU.
Puratig: O remo sagrado, de Yaguarê Yamã – São Paulo: Peirópolis.
Irakisu: O menino criador, de Renê Khitãulu – São Paulo: Peirópolis.
O povo Pataxó e suas histórias, de Angthichay, Arariby, Jassanã, Manguahã, Kanátyo – São Paulo: Global.